



Greve dos professores chega a 60 dias com duro impasse

Sob Alckmin (PSDB), atual paralisação já é a terceira maior da história do Estado

Sindicato dos docentes quer equiparar salário a outras categorias de SP; governo até agora não apresentou proposta

THAIS BILENKY
DE SÃO PAULO

A greve dos professores paulistas, que já é a terceira maior da história do Estado, completa 60 dias nesta quinta-feira (14) num duro impasse entre professores e o governo Geraldo Alckmin (PSDB).

A categoria pede reajuste de 75% (para equiparar o salário aos demais servidores do Estado com formação superior), mas o governo tucano até agora nem sequer apresentou uma contraproposta.

Segundo o sindicato dos professores (Apeoesp), o governo pretende apresentar uma proposta apenas em junho, um mês antes da data-base da categoria, num sinal de que a paralisação tende a se estender por mais tempo.

Nesta quarta-feira (13), na sétima reunião deste ano, o

comando do sindicato e o secretário Herman Voorwald (Educação) mais uma vez não chegaram a um acordo.

A reportagem tentou falar com o secretário, mas não houve resposta ao pedido de entrevista. Tentou também falar com a presidente da Apeoesp, Maria Izabel Noronha, mas ela não ligou de volta.

Em seu quarto mandato à frente do sindicato, Bebel, como é conhecida, não autoriza que outro membro da direção fale em nome da Apeoesp.

Se um acordo entre as partes só for firmado em meados de junho, a greve superará, em duração, a mais longa da história, ocorrida em 1989, com 80 dias parados.

Naquele ano, o acordo foi fechado no dia 7 de julho. O sindicato afirmava, então, ter acabado a greve com adesão de 25% dos 200 mil professores que compunham a rede.

No auge, a paralisação foi feita por 85% dos docentes, dizia o sindicato. O governo Orestes Quércia (PMDB) rebatia: apenas 5% dos professores tinham faltado às aulas.

A segunda maior greve do

Estado foi a de 1993, com 79 dias de duração, sob a gestão de Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), sucessor de Quércia.

O governo Alckmin tem apontado a mesma fatia de 5% de ausentes durante a greve em curso. A rede hoje tem 235 mil professores. Já o sindicato contabiliza adesão de 62% — abaixo dos 75% apontados em abril pela entidade.

Levantamento feito pela **Folha** na semana passada mostrou que as escolas estaduais com mais matrículas na capital têm paralisações, mas com adesão de, em média, 15% dos professores.

Além dessa guerra de números, professores e governo disputam na Justiça o pagamento ou não dos dias parados. A última vitória foi do sindicato, nesta quarta (13), após decisão do Tribunal de Justiça contra desconto do ponto.

OUTRAS DEMANDAS

O entrave está no reajuste salarial. Mas outros pontos reivindicados pelos grevistas têm avançado um pouco.

Para acabar com a superlotação das salas, a secreta-

ria afirmou que criará uma comissão para averiguar denúncias. O sindicato defende o máximo de 25 alunos.

Diante do impasse de dois meses, os docentes em greve têm feito manifestações todas as semanas. Eles já fecharam rodovias e vias importantes do Estado e da capital, além da tentativa de invasão da Secretaria da Educação.

» **LEIA MAIS** na pág. B3

UNIVERSIDADES

ATO CONTESTA LIMITE PARA VERBAS EM SP

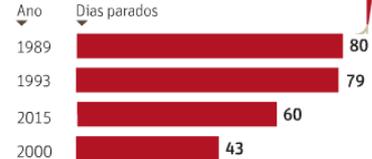
Funcionários, alunos e professores da USP, Unesp e Unicamp marcaram ato às 14h desta quinta (14) na av. Paulista por reajuste salarial e contra o plano do governo de SP de fixar teto de 9,57% do ICMS nas verbas das universidades em 2016 (patamar que hoje é um piso). Alckmin negou cortes.

GREVE DOS PROFESSORES ESTADUAIS DE SP

Paralisação atual já é a 3ª maior da história



GREVES MAIS LONGAS



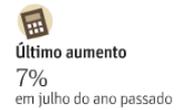
ADESÃO



REDE ESTADUAL



RAIO-X DA CATEGORIA



*Para professores do ensino médio com jornada de 40 horas
Fontes: Apeoesp e Secretaria Estadual da Educação